

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT06.015

## PSICOGÊNESE DA ESCRITA NA EJA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO RACIAL

Rejane Maria Pereira da Silva<sup>1</sup>

Millena de Azeredo Lopes Ventura<sup>2</sup>

Dayse Cabral de Moura<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente relato de experiência, em formato de artigo, apresenta-se como parte do um seminário desenvolvido na disciplina de Educação de Jovens e Adultos- EJA, ministrada pela professora Dayse Moura, no curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/Recife. Investigando como a alfabetização e o desenvolvimento da escrita podem ser trabalhados de forma a promover não apenas a aquisição da língua escrita, mas também a conscientização crítica sobre as questões raciais e a construção de uma identidade negra fortalecida no processo educacional. Para tal, propusemos uma prática de letramento baseada no conto africano “A lenda do tambor africano” articulando o desenvolvimento da escrita à valorização da identidade negra. Nosso embasamento teórico contou com as ideias de Artur Gomes de Moraes (2012), Emília Ferreiro (1990), Ana Teberosky (1985),

- 1 Doutora em Ciências da Religião da Universidade Federal Católica de Pernambuco - PE; Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco -UFPE, rejane-pereira4@email.com;
- 2 Mestranda do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - PE; Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco -UFPE; Pesquisadora financiada pela CAPES. millena.ventura@ufpe.br
- 3 Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - PPD - UFSCar; Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; dayse.moura@ufpe.br

Telma Ferraz Leal (2001), Dayse Cabral de Moura (2001), Aldibênia Machado (2013) e Eduardo Oliveira (2020). A atividade foi desenvolvida na sala da disciplina da EJA, tendo em vista possibilitar o aprendizado acerca da psicogênese da escrita, a aplicabilidade da Lei 10.639/03.

**Palavras-chave:** Psicogênese da escrita, Letramento racial, História oral, Lei 10.639/03.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho vai discutir a psicogênese da escrita, ou seja, como se desenvolve a capacidade de escrever e organizar os sinais gráficos. Vamos olhar não só para o processo que acontece com as crianças, mas também para a aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde os desafios e as experiências são diferentes. A ideia é mostrar os objetivos e as limitações dos métodos tradicionais de alfabetização, defendendo a necessidade de adaptar o ensino às diversas histórias e realidades dos (as) estudantes, assim como a complexidade cognitiva, a heterogeneidade da turma e as experiências prévias de leitura escrita.

A aprendizagem na EJA, lida com desafios específicos, decorrentes da diversidade de experiências de vida, trajetórias educacionais e contextos socioculturais. Além disso, apresentam particularidades quanto à aquisição do conhecimento. A psicogênese na escrita, cujo o objetivo é o estudo dos processos de cognição e psicológicos envolvidos na aprendizagem da escrita, pode ser um importante recurso para a educação de jovens e adultos, permitindo compreender as diversas maneiras como os(as) estudantes constroem e entendem o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), considerando suas experiências e suas especificidades.

Essa modalidade de ensino representa uma possibilidade de promover o letramento racial e a conscientização crítica sobre desigualdades históricas, considerando que muitos(as) estudantes têm sua trajetória marcada pela exclusão e pelo racismo. A prática aqui apresentada, baseia-se no conto africano “A lenda do tambor africano”, visa articular o desenvolvimento da escrita com valorização da identidade negra, reconhecendo que a aprendizagem da língua pode ser um “instrumento de empoderamento e afirmação social” (Rosa, 2022, p. 247)

A narrativa foi explorada para que os(as) estudantes construíssem hipóteses de escrita, identificando letras e padrões gráficos, desde o nível pré-silábico ao alfabético. Além disso, a história permitiu discutir símbo-

los culturais africanos, promovendo a reflexão sobre a identidade negra e resistência.

Para isso, nosso embasamento teórico contará com as ideias de Artur Gomes Morais, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Telma Ferraz e Dayse Moura.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky destacam os estágios da escrita, demonstrando como a compreensão dos sinais evolui com o tempo e, além disso, descrevem os estágios da psicogênese – do pré-silábico ao alfabético – também discutem como esses processos influenciam o ensino e a aprendizagem.

Artur Morais, Telma Ferraz e Dayse Moura complementaram com seus estudos voltados à Educação de Jovens e Adultos direcionando a psicogênese para esse público. Assim, o texto pretende unir as discussões teóricas e práticas, apontando tanto os avanços quanto os pontos que ainda precisam de melhorias, convidando ao(à) leitor(a) a refletir criticamente sobre a alfabetização nos dias de hoje e sobre como a integração de práticas de letramento crítico, incluindo reflexão sobre identidade racial, conecta-se aos objetivos do seminário e cumpre com a Lei 10.639/03

A aprendizagem na EJA, ao longo do tempo, tem buscado oportunidades para alfabetização e escolarização daquelas e daqueles que, por motivos diversos, não foi permitido a condição de acesso à educação formal na fase da infância, bem como na adolescência.

## PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Psicogênese da Língua Escrita (PLE) também conhecida como Psicogênese da escrita trata-se de uma teoria psicológica que está relacionada ao estudo dos processos mentais e psicológicos humanos durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Ferreiro (1990, p. 08) afirma que se pode classificar essa abordagem como psicogênese, pois “pode-se não somente distinguir etapas sucessivas mas também interligá-las em termos de mecanismos constitutivos que justificam a sequências dos níveis sucessivos”

Essa abordagem teórica surgiu a partir da construção de um novo olhar sob a alfabetização tradicional (métodos analítico e sintético), concepção de ensino preconiza que para aprender a ler e escrever é preciso unicamente da aquisição do código.

A aprendizagem, nos métodos tradicionais, ocorre através das equivalências entre grafema (letras) e os sons que elas substituem (fonemas) que são introjetadas no educando por meio de inúmeras repetições e memorização.

Daí, para serem capazes de “decodificar” e “codificar” frases e textos, teríamos apenas uma questão de treino, de prática repetitiva e acúmulo (das formas gráficas e dos seus respectivos sons). (Morais, 2012, p. 46)

Moura (2001, p. 27) em sua tese “Por trás das letras: as concepções e práticas de ensino do sistema de notação alfabética na EJA” aprofunda que a implicação pedagógica dessa concepção resulta numa aprendizagem linear, pois leva ao educando a conceber o sistema de notação alfabética como uma codificação, ou seja, entre o significado e o significante mantém-se uma relação pré-determinada, estática e inalterável.

No entanto, novos estudos no campo da psicologia voltados ao desenvolvimento da criança abriram espaço na compreensão da aquisição da escrita - lacuna verificada por Emília Ferreiro na teoria de Jean Piaget (orientador do doutorado em educação de Emília pela universidade de Genebra).

As pesquisas de Emília Ferreiro junto a, também, psicóloga Ana Teberosky com vistas a compreender como o cérebro funciona durante a aprendizagem da escrita rendeu, em 1984, o livro “Psicogênese da escrita”, considerado o marco no campo educacional quando se trata da aquisição da língua escrita, pois “abriu-se um mundo de pensamento infantil cuja existência nos era desconhecida. (Sinclair, 1985, apud Ferreiro; Teberosky, 1985, p. 12)”.

Neste estudo as autoras categorizam e definem as fases do desenvolvimento da psicogênese da escrita, além disso comprovam que as crianças

desempenham um papel ativo no processo de aquisição da língua escrita através da construção de hipóteses, o que implica que para essa teoria, diferente da alfabetização realizada por meio dos métodos tradicionais, o/a estudante durante o processo de aprendizagem é um sujeito ativo, pois essa abordagem leva em consideração a

Subjetividade do aprendiz e o reconhece como um ser capaz de processar, elaborar hipóteses acerca do objeto de conhecimento estudado, apreendendo-o através de um trabalho conceitual, que requer a compreensão das propriedades notacionais do sistema. (Moura, 2001, p. 27)

Compreendendo o sistema de notação alfabética como um processo de recriação e de reelaboração, no qual os elementos e relações não estão pré-determinados.

Durante o processo de aprendizagem do SEA, a criança levanta hipóteses a partir de um movimento de reelaboração de diversas decisões tomadas anteriormente na criação desse tipo de notação. Isso quer dizer que a criança não é passiva, não recebe ou repete informações prontas; ao contrário, ela questiona, modifica suas ideias e reformula suas hipóteses durante a apropriação do sistema. Conforme já enfatizamos, é importante ressaltar que, para dominar o SEA, precisamos compreender o seu funcionamento. (Pernambuco, 2018, p. 11)

Em suma, enquanto as abordagens tradicionais do ensino da escrita preconizam que o aprendizado ocorre através da aquisição de um código linguístico, a psicogênese da escrita compreende-o como um sistema notacional.

## PROPRIEDADES DO SISTEMA NOTACIONAL

Mas o que é um sistema notacional? Segundo Moura (2001) é “todo corpo simbólico é formado por caracteres que normalmente são combinados para formar outros” que servem para representar informações de maneira padronizada e estruturada.

Goodman (1976 apud Moura, 2001, p. 29) explicita que um sistema é verdadeiramente notacional quando apresenta propriedades sintáticas e propriedades semânticas.

Expõe o autor que as propriedades sintáticas são duas: a primeira, relacionada à distinção dos caracteres, ou seja, é preciso que eles apresentem diferenças entre si, propriedade da disjunção. Enquanto a segunda, relaciona-se a um determinado limite de caracteres.

Como no caso do nosso sistema de escrita alfabética (alfabeto latino) que possui uma série finita de caracteres (26), permitindo que todos sejam identificados e distintos de outras marcas que não pertençam ao sistema. (Moura, 2001, p. 31)

É preciso destacar que ambas propriedades são independentes entre si.

Quanto às propriedades semânticas (disjunção, diferenciação finita e não-ambigüidade), essa é de maior complexidade. Apresenta ao nível semântico os mesmos requisitos de disjunção e diferenciação acrescentando o requisito da não-ambigüidade. Sobre esse último, aponta Moura (2001)

É necessário que os sistemas notacionais não sejam ambíguos para que possam cumprir a sua função primordial que só é preservada quando a relação de ajuste for invariável. Todo caractere ambíguo deve ser excluído.

Morais (2012) didatiza as propriedades apresentadas acima e apresenta uma lista com dez propriedades para consolidação da notação alfabética. São elas:

1. Escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos cuja identidade é modificada por pequenas variações e pequenas variações (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;

4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra;
9. Além das letras, na escrita de palavras, usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem;
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes, vogais e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal. (Morais, 2012, p. 51)

Vale salientar que, embora a psicogênese forneça um referencial poderoso, existem limitações na aplicação aos adultos. Por isso, os(as) educadores(as) dessa modalidade de ensino devem adaptar o ritmo e os recursos, reconhecendo a heterogeneidade dos saberes, exigindo mediação individualizada ou em pequenos grupos.

Em síntese, a psicogênese da escrita oferece um olhar conceitual e prático que reconhece o(a) estudante como sujeito ativo. Essa abordagem orienta práticas pedagógicas que vão além da memorização, promovendo alfabetização efetiva, consciência crítica e valorização da identidade social dos(as) estudantes.

## NÍVEIS DE APRENDIZAGEM

Os níveis de construção da escrita, segundo as precursoras da teoria, representam um processo gradual pelo qual o/a aprendiz passa durante a

aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), adaptado à faixa etária e ao contexto da EJA.

Conforme tem demonstrado a teoria da psicogênese da escrita, a compreensão do SEA se dá em etapas, nas quais as crianças vão modificando suas explicações para duas questões: o que a escrita nota (ou representa)? E como ela cria notações (ou representações)? (Moraes, 2014, s/n)

Esses níveis podem ser dividido em quatro períodos fundamentais, que são: o pré-silábico, o silábico, silábico-alfabético e o alfabético, que subdividem-se em subníveis, aponta Ferreiro e Teberosky (1985). Cada qual reflete o grau de compreensão do/a aprendiz sobre a função e o uso das letras e deve ser interpretado à luz de suas experiências prévias e trajetórias de aprendizagem.

O primeiro seria definido pelo trabalho do aprendiz de encontrar características que lhe permitam realizar certas diferenciações dentro do universo de marcas gráficas existentes, diferenciando as marcas gráficas figurativas das não-figurativas, buscando parâmetros para estabelecer a formação de série de letras como objetos substitutos e suas condições de interpretação. (Moura, 2001, p. 28)

Essa é a fase das primeiras marcas gráficas, Ferreiro e Teberosky (1985) nomeia de “hipótese pré-silábica”.

Ferreiro (1990, p.12) aponta que nesse período

O que é mesmo importante é o fato de buscar estabelecer uma distinção entre o icônico e o não-icônico, entre desenhar e escrever (ou, antes, entre os resultados dessas duas ações). Quando se desenha, fica-se no domínio do icônico; as formas dos grafismos são pertinentes porque reproduzem a forma dos objetos. Quando se escreve, fica-se fora do icônico; as formas dos grafismos não reproduzem o contorno dos objetos. Não é por acaso que o arbitrário das formas empregadas como também a organização linear contam entre as primeiras características presentes nas escritas das crianças.

Para exemplificar os níveis, utilizaremos os exemplos apresentados por Ferraz e Moraes (2010), que constam no texto “O aprendizado do sistema de escrita alfabética”.

**Imagem 1:** Escrita pré-silábica



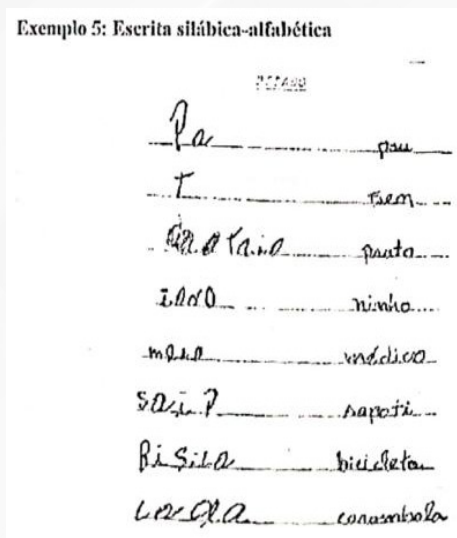
De acordo com os autores Leal e Moraes (2010, p.19), as representações acima são referentes a um adulto que “ainda não tenha compreendido a necessidade de realizar uma relação entre a pauta sonora da palavra oral e sua notação escrita.[...] não há indícios de uma preocupação”, complementam os autores.

Acerca desse recorte na EJA, Leal e Moraes (2010) apontam que poucos são os/as estudantes que iniciam sua escolarização na EJA nesse nível.

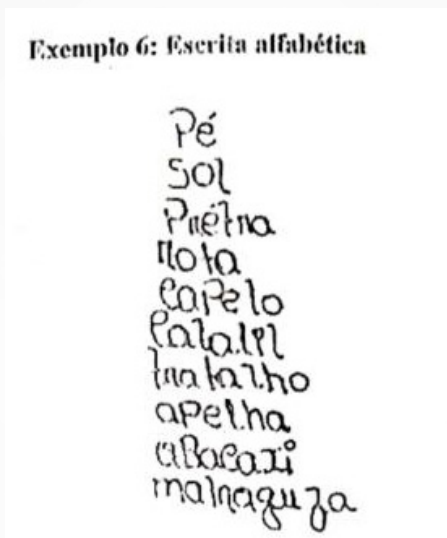
No segundo nível, ou silábico, “O aprendiz” diferencia as notações que julga possíveis de ler das que não o são. (Moura, 2001, p. 33)” elaborando as primeiras diferenciações. Complementa Ferreiro (1990, p. 11) esse nível “é caracterizado pela construção de modos de diferenciação entre os encadeamentos de letras, baseando-se alternadamente em eixos de diferenciação qualitativos e quantitativos.”



**Imagem 5** - Escrita silábica-alfabética



**Imagem 6** - Escrita alfabética



Em suma,

Se, numa fase inicial, o aprendiz não entende, ainda, que a escrita nota a sequência de partes sonoras das palavras que falamos, numa etapa intermediária vai acreditar que cada letra nota uma sílaba oral, e só ao final vai compreender que as letras substituem unidades menores, os fonemas. Para dar conta dos aspectos conceituais do SEA, a criança precisa tratar cada letra como uma classe de objetos substitutos equivalentes (de modo que P, p, P, p são a mesma letra), além de analisar a ordem serial das letras e fazer correspondências, termo a termo, entre segmentos falados e escritos. Assim, a compreensão do “princípio alfabético” (isto é, de que, em nossa escrita, as letras substituem segmentos sonoros pequenos, os fonemas) não se reduz a memorizar quais letras substituem quais fonemas. (Moraes, )

Destaca-se que na consolidação desse processo, em outras palavras, “Para poder se apropriar do SEA, o aprendiz precisará compreender como ele funciona e aprender suas convenções.”

O nível de aprendizagem de um indivíduo pode ser identificado, como exposto anteriormente, por meio do amadurecimento relacional com o SEA, e para não esquecer: pode ser observado por meio da a capa-

cidade do/a aprendiz em relacionar a compreensão dos “O que a escrita representa (nota?) e Como a escrita cria representações (ou notações)?”

As pesquisas de orientação construtivista demonstram cabalmente que todos os aprendizes, sejam jovens, adultos ou crianças, precisam descobrir as respostas para aquelas duas perguntas que levam ao desvelamento do enigma do alfabeto. (Leal; Morais, 2010. p.09)

Nesse contexto, os aprendizes devem concentrar esforços para “desvendar a lógica. (Leal; Morais, 2010. p.11)” do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

## PSICOGÊNESE NA EJA: Aproximações e distanciamentos

Se a escrita é compreendida como um sistema notacional, sua aprendizagem é mais simples do que a apropriação de um código. Para aprender o Sistema de Escrita Alfabética, o aprendiz precisa reconstruir mentalmente decisões complexas tomadas pela humanidade ao criar essa notação.

Adultos alfabetizados tendem a considerar essas noções como naturais, acreditando que basta memorizar letras e sons. No entanto, essa visão subestima o processo cognitivo desafiador que envolve a alfabetização.

Uma das semelhanças entre a psicogênese infantil e a EJA é que os estudantes adultos passam pelas mesmas fases da alfabetização infantil: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética.

Sem esquecer que muitos alfabetizando jovens e adultos estão bem mais familiarizados (que a maioria das crianças pequenas) com letras e com práticas sociais onde se lê e escreve, precisamos reconhecer que vivenciam os mesmos estágios, na empreitada de conhecer o sistema alfabético. Também os aprendizes “já crescidos” revelam hipóteses pré silábicas, silábicas, silábico-alfabéticas e Alfabéticas de escrita. (Leal; Morais, 2010, p. 37)

Assim como na educação infantil, os alunos da EJA também constroem hipóteses sobre a escrita e que precisam de experiências para avançar na aprendizagem. Pois eles também são sujeitos ativos na construção do conhecimento. A alfabetização precisa fazer sentido para os estudantes, seja no contexto infantil ou na vida adulta, para que haja motivação e aprendizado efetivo.

A prática com a lenda do tambor africano reforça essa construção ativa, permitindo que os(as) estudantes relacionem suas experiências de vida e memória cultural à aprendizagem formal.

Nessa concepção, os(as) professores(as) precisam planejar situações didáticas didáticas que sejam:

- Adequadas ao objeto de conhecimento, promovendo reflexões críticas;
- Apropriadas ao nível de conhecimento dos estudantes e à faixa etária do grupo-classe, que nesse caso, são jovens e adultos;

A aplicação prática da psicogênese da escrita na EJA pode ser organizada conforme os níveis de aprendizagem:

**Nível pré-silábico:** exploração de marcas gráficas da “Lenda do tambor africano”, conectando sons e símbolos.

**Silábico:** reconhecimento de letras em palavras da narrativa, correspondências sonoras e grafemas.

**Silábico-alfabético e alfabético:** produção de textos narrativos e relatos da lenda, segmentação fonética e reflexão sobre identidade racial e pertencimento cultural, promovendo o letramento crítico. Os(as) estudantes foram convidados a relacionar elementos da narrativa com sua experiências, discutindo valores culturais, resistência e valorização do povo negro.

A alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta características distintas em relação ao ensino infantil, pois os estudantes adultos trazem consigo vivências, desafios e necessidades específicas.

Compreender essas particularidades é essencial para a aplicação de metodologias eficazes, que respeitem o ritmo de aprendizagem e promovam uma alfabetização significativa e emancipadora.

Um dos principais fatores que diferenciam a EJA da alfabetização infantil é a experiência de vida dos alunos. Diferente das crianças, os estudantes da EJA já possuem um repertório de conhecimentos prévios, adquiridos ao longo de suas trajetórias. Muitos já tiveram contato com o mundo escrito em diferentes contextos, como no trabalho, na família ou em atividades cotidianas, o que pode tanto facilitar quanto influenciar seu processo de alfabetização. No entanto, o percurso educacional desses alunos nem sempre foi contínuo ou bem-sucedido. Muitos enfrentam desafios cognitivos e emocionais, pois acumulam dificuldades de aprendizagem e experiências de fracasso escolar.

## **PROBLEMÁTICA NO ENSINO DA EJA**

As turmas da EJA são extremamente diversificadas, tanto em relação à idade quanto ao nível de escolarização e experiências de vida. Essa heterogeneidade representa um grande desafio, pois alguns alunos nunca foram alfabetizados, enquanto outros possuem um domínio parcial da escrita. Essa diferença exige que o professor desenvolva estratégias individualizadas ou em pequenos grupos, mas que possa usar isso ao seu favor, sabendo que o trabalho em equipe entre pessoas de diferentes níveis de hipóteses de escrita favorece todos os estudantes.

A defasagem na EJA está diretamente relacionada às dificuldades de acesso à educação na infância e juventude. Muitos alunos chegam à sala de aula com pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita, o que torna fundamental a aplicação de abordagens como a psicogênese da escrita, que no contexto da EJA, muitos estudantes podem estar nos níveis iniciais, exigindo estratégias que respeitem seu ritmo de aprendizagem.

Muitos alunos(as) já tiveram contato com a escrita em contextos específicos (assinaturas, números de telefone, placas), mas não conseguem

usá-la de maneira fluida no dia a dia, pelo fato de que apenas memorizaram, que se torna outro problema no ensino.

Métodos baseados na memorização e repetição de letras e sílabas podem não ser eficazes. Estratégias como o uso de textos autênticos (jornais, bilhetes, receitas) e a valorização da oralidade podem tornar o processo de alfabetização mais significativo.

Estudantes da EJA carregam um histórico de fracasso escolar, o que pode resultar em baixa autoestima e falta de confiança em sua capacidade de aprender. Alguns fatores que contribuem para essa desmotivação como a vergonha e insegurança, muitos estudantes têm receio de expor suas dificuldades diante dos colegas, o que pode levá-los a evitar a participação nas atividades.

A formação de professores para a EJA ainda é uma grande lacuna no sistema educacional. Muitos docentes chegam às salas de aula sem a preparação necessária para lidar com as especificidades desse público.

Em sua grande maioria os(as) professores(as) são formados para ensinar crianças e adolescentes, sem preparo para trabalhar com a psicogênese da escrita no contexto da EJA. A heterogeneidade da turma exige uma didática flexível, com abordagens diferenciadas, algo que nem sempre é contemplado na formação inicial dos professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicogênese da Língua Escrita trouxe uma nova perspectiva sobre o processo de alfabetização, rompendo com os métodos tradicionais que tratam a aprendizagem como mera memorização de códigos.

Essa abordagem, desenvolvida por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, demonstrou que os aprendizes – sejam crianças, jovens ou adultos na EJA – desempenham um papel ativo na construção do conhecimento, formulando hipóteses sobre o funcionamento da escrita e evoluindo gradualmente até a compreensão plena do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Dessa forma, reconhecer que a aprendizagem da escrita é um processo cognitivo complexo e não apenas um treinamento mecânico permite que as práticas pedagógicas na EJA sejam mais eficazes. A valorização das hipóteses dos alunos, a contextualização do ensino e o respeito ao ritmo de cada aprendiz são aspectos fundamentais para uma alfabetização verdadeiramente significativa e emancipadora.

Além disso, ao integrar a psicogênese da escrita com o letramento racial, as práticas pedagógicas passam a promover não apenas competências técnicas, mas também a consciência crítica, reflexão sobre desigualdades históricas e valorização da identidade social do(a) estudante. Essa abordagem amplia o papel da alfabetização, conectando diretamente os resultados da prática com os objetivos do seminário, que visa articular alfabetização, letramento crítico e valorização da diversidade cultural.

A prática concreta com a lenda do tambor africano exemplifica essa integração, permitindo que os(as) estudantes relacionem suas experiências de vida e memória cultural. Ao abordar elementos da narrativa que remetem à história e cultura afro-brasileira, a atividade cumpre o previsto na Lei nº 10.639/03 fortalecendo a relevância social e educacional do trabalho, ao valorizar a identidade negra e promover a consciência racial na aprendizagem. Dessa forma, a alfabetização na EJA assume um papel transformador, capaz de articular habilidades cognitivas, consciência crítica e valorização cultural.

## REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, Ed. Vozes, 1985.

FERREIRO, Emilia. A escrita...antes das letras. In: SINCLAIR, Hermine. **A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmos e melodias**. São Paulo: Cortez, 1990.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **Alfabetizar**: História da alfabetização no Brasil. Textos orais e escritos. Revista : A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte, 2004.

LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes de. O aprendizado do sistema de escrita alfabética: uma tarefa complexa, cujo funcionamento precisamos compreender. In: **Alfabetizar letrando na EJA**: fundamentos teóricos e propostas didáticas. Organizadores Telma Ferraz Leal, Eliana Borges Correia de Albuquerque, Artur Gomes de Moraes. Belo horizonte: Autêntica, 2010. (Coleções estudos em EJA)

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

\_\_\_\_\_. Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. organizadoras Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. ISBN: 978-85-8007-079-8 Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossario-ceale/verbetes/apropriacao-do-sistema-de-escrita-alfabetica> Acesso: 01 de mar. de 2025.

MOURA, Dayse Cabral de. **Por trás das letras**: as concepções e práticas de ensino do sistema de notação alfabética na EJA. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife, 2001.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Almanaque ilustrado de alfabetização**. Ano 1. Manual do professor. Secretaria de Educação e Esportes. Organizadoras: Ana Cláudia Gonçalves Pessoa, Ester Calland de Sousa Rosa, Telma Ferraz Leal. Recife: A Secretaria, 2018. p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2025

ROSA, Liliane Santos. **O ensino da língua materna como forma de combate à exclusão social e empoderamento na EJA**. Anais do Seminário de Pesquisa do DLLARTES. Fábrica de Letras, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/asipc/article/view/18545> Acesso: 07 de mar. 2025